



Exposição- PAG.5

Uma exposição com objetos pessoais de D. Maria II a não perder



Instrumentos de navegação classificados como tesouro nacional Pág.12



Aristides Sousa Mendes vai ter nome em espaço público da cidade de Paris Pág. 9



Mini pompeia descoberta em Verona - Pág.4



Suplemento com História sobre Guimarães Pág.11

Paulo Freitas do Amaral – Diretor  
EDITORIAL



### O desertor enforcado no Toural em Guimarães

No dia 29 de Agosto de 1639 um soldado português chamado António Gonçalves da zona do Porto foi executado no Toural (1) em Guimarães por deserção.

Alistado no exército da guerra ao serviço de Filipe, Rei de Espanha, este Homem desertou ao haver ordem para ir para Cádiz combater. O desertor estava na cadeia da Correição (ver meu artigo anterior) junto ao Terreiro da Misericórdia.

À hora marcada o "pregoeiro da Justiça" iniciava a procissão indo buscar o preso à cadeia da Correição até ao Toural lançando de vez em quando o fatídico pregão da sentença.

Juntamente com o Provedor da Misericórdia e os capelães das Irmandades davam início então a um sinistro cortejo ao som de uma ladainha em que a letra da canção era a seguinte ;

"Ne recordaris peccata mea Domine"

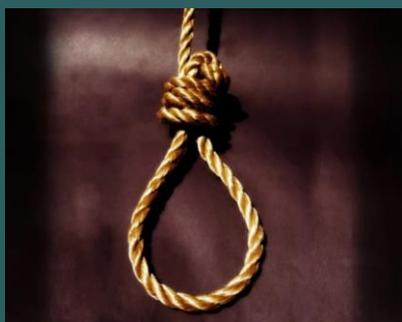
Reproduzo aqui um auto deste acontecimento que teve a participação do povo em massa;

"Aos 29 dias do mês de Agosto de 1639 em esta Vila de Guimarães, no Toural dela, que é rócio público, lugar donde estava para se fazer execução de António Gonçalves, soldado, aonde foi vindo acompanhado da Santa Misericórdia e padres e mais actos costumados..., e chegando ao pé da forca com a alva vestida e o Cristo nas mãos, e estando aí o Sr. Mestre de Campo Álvaro de Sousa, perante ele (com) pareceu o Dr. Rui Gomes Golias e procurador do António Gonçalves, e em altas vozes e com requerimentos à vista do povo, requereu ao dito Sr. Mestre de Campo lhe mandasse tomar seu requerimento e apelação, propondo-lhe em suma a inocência de António Gonçalves..."(2)

O episódio é triste mas é verídico. A pena de morte em Portugal nesta altura ainda estava em vigo, só sendo abolida em 1 de Julho de 1867

(1) - A forca foi levantada no rocio do Toural no ano referido. O código municipal n 1310, fl.62 V, alude à despesa feita com este instrumento de pena de morte

(2) Ver Antigamente..., do A., págs 113 a 11



### Agricultor descobre placa com 2,6 mil anos no Egito

O Ministério do Turismo e Antiguidades do Egito anunciou nesta segunda-feira a identificação de uma placa de pedra que tem ao menos 2,6 mil anos e contém inúmeros hieróglifos. A revista Galileu repercutiu as informações da descoberta.

Como informou o ministério, o artefacto feito de arenito foi encontrado ao acaso por um agricultor da cidade de Ismáília, no Egito. Ele estava a trabalhar o seu terreno para uma plantação quando se deparou com a grande placa de 2,3 metros de altura e 45 centímetros de espessura.

Os arqueólogos responsáveis pela análise do objecto relataram que o agricultor entregou-o ao Museu de Antiguidades de Ismailia, a nordeste da capital egípcia. O Museu de Antiguidades está a guardar a placa atualmente. O artefacto foi construído durante a Época Baixa do Antigo Egito. Acredita-se que o faraó egípcio Apriés tenha ordenado que seus súditos erguessem a placa, que é apenas uma das muitas levantadas ao longo do seu reinado, entre 589 a.C e 570 a.C.

Numa nota, publicada na página do Facebook do Ministério do Turismo, o secretário-geral do Conselho Supremo de Antiguidades, Mostafa Waziry, argumentou que as placas foram erguidas principalmente no leste do Egito, quando as campanhas militares do seu governo foram feitas na região. Segundo os especialistas, a placa está inscrita por hieróglifos que preenchem 15 linhas em toda a estrutura. Existem desenhos específicos, como um disco solar alado que, como explicou Waziry, representava o deus do Sol Rá. Outra representação está relacionada ao faraó Apriés, que governou durante a 26ª Dinastia.



## Clamor da Maré Cheia de Cristina Rodrigues no Museu de Arqueologia

Está patente no jardim do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, a partir de 15 de Julho, a exposição "Clamor da Maré Cheia", de Cristina Rodrigues.

A exposição polinuclear "Clamor da Maré Cheia" será composta por quatro instalações de arte contemporânea originais,

da autora portuguesa Cristina Rodrigues. As instalações estarão em exposição simultaneamente em quatro espaços

distintos (Cais da Alfândega de Vila do Conde, Jardim do Museu

Nacional de Arqueologia, Mosteiro de Santo André de Ancede e Fórum Cultural de Ermesinde), estabelecendo uma relação directa com o lugar onde se encontra exposta.

No Jardim do Museu Nacional de Arqueologia – Mosteiro dos Jerónimos, estarão duas instalações site-specific compostas por 24 esculturas de barcos em ferro e redes de pesca. Estas instalações compostas representam o Homem como explorador que criou um objecto capaz de atravessar o mar rumo ao desconhecido.

A ver até 31 de Outubro.



## Ovo com 1000 anos descoberto intacto

Um grupo de arqueólogos de Israel fez uma descoberta fantástica na região de Yavneh, uma pequena cidade de pouco mais de 30 mil habitantes na região central do país. Trata-se de um ovo de galinha que data de nada menos de 1.000 anos e que, surpreendentemente, ainda estava inteiro, porém, depois de recolher o artefacto, que estava numa fossa na antiga zona da cidade, os investigadores acabaram por partir o ovo acidentalmente.

A descoberta foi feita durante as escavações conduzidas pela Autoridade de Antiguidades de Israel (IAA), que estava em busca de artefactos anteriores à construção das fábricas que ocuparam aquela zona da cidade noutros tempos. Quando encontraram o ovo, os arqueólogos conseguiram retirá-lo da fossa ainda em boas condições.

“Ficámos surpresos ao encontrá-lo”, disse a chefe das escavações, Alla Nagorsky, ao jornal israelense Haaretz. “De vez em quando encontramos fragmentos de cascas de ovo, mas um ovo inteiro é extraordinário”, completou a arqueóloga. O ovo também não se havia estragado, nem apodrecido, porque havia caído ou sido colocado num vaso sanitário e envolto em lixo, o que acabou por criar condições anaeróbicas para a sua preservação.

Porém, enquanto os investigadores trabalhavam no ovo no laboratório, ele acabou por se rachar para profunda tristeza dos cientistas. “Pelo lado positivo, um pouco de gema permaneceu na casca e servirá para análises futuras de ADN”, refere o arqueólogo do IAA, Lee Perry Gal. “talvez tivesse que ser quebrado nalgum momento para estudar o seu interior”, completou Nagorsky.

Além do ovo, três bonecos de osso, típicos do século XXI e uma lamparina a óleo foram encontradas nas mesmas escavações. Por conta do estilo característico dessa lâmpada, os arqueólogos concluíram que ela datava de cerca de 1.000 anos atrás, o que fez especularem se o ovo seria do mesmo período.



## Mini Pompeia descoberta em Verona (Itália)

Durante escavações as obras no cinema Astra, na cidade de Verona, foi encontrado um antigo edifício romano que remonta ao século II. Com belas paredes de frescos, os arqueólogos apelidaram a descoberta de "Pompeia em miniatura", fazendo referência à antiga cidade romana, segundo o The Guardian.

[Pompeia em miniatura encontrada debaixo do antigo cinema em Verona. Antiga construção romana com "paredes de fresco magníficas" parece ter sobrevivido a um incêndio.]

Ainda não se sabe qual era a função do prédio, mas ao que parece, o mesmo sofreu um incêndio, pois o telhado desabou e havia itens de móveis de madeira carbonizados entre os achados. O cinema estava abandonado por mais de 20 anos, e agora passa por uma recuperação para voltar à ativa novamente.

"Parece que um incêndio acabou com o atendimento ao complexo. Apesar disso o ambiente foi preservado intacto, com as magníficas cores dos afrescos das paredes que datam do século II", disse o superintendente arqueólogo de Verona.

A descoberta e o indício de um incêndio impulsionaram semelhanças com a antiga cidade de Pompeia, que foi destruída pela erupção do monte Vesúvio em 79 d.C.

"Um evento calamitoso, neste caso um incêndio, marcou o fim do complexo, deixando evidências", completou o arqueólogo.

Os arqueólogos continuarão a investigar o local para saber mais sobre a Pompeia em miniatura encontrada no meio de uma das cidades mais famosas da Itália.



## Exposição inesquecível no Palácio da Ajuda "D.Maria II"

Visite a exposição «D. Maria II. De princesa brasileira a rainha de Portugal. 1819-1853», na Galeria do Rei D. Luís do Palácio Nacional da Ajuda, até 29 de setembro!

Compre o seu bilhete na nossa bilheteira online: <https://bilheteira.patrimoniocultural.pt/pos/event/list>



## Casa de banho do século V é descoberta nas dunas em Espanha

Recentemente, arqueólogos da Universidade de Cádiz, na Espanha, trabalharam em escavações na costa sudeste do país, na região de Andaluzia – e acharam um “tesouro” escondido sob dunas de areia, estava um grande complexo de banho romano do século 5 d.C.

O antigo local encontrado pelos arqueólogos fica próximo ao vilarejo de Caños de Meca. Segundo a equipe, a estrutura está bem preservada. As paredes têm 4 metros de altura, e estima-se que o lugar já teve uma área de 10 mil metros quadrados. Até agora, os arqueólogos escavaram dois quartos de banho do complexo e encontraram restos de estuque (um tipo de argamassa), mármore vermelho, branco e preto, usados para decorar o local. Além disso, há estruturas de paredes duplas, que, no passado, permitiam aos romanos criar cômodos aquecidos para banhos e saunas.

Estabelecimentos como este, projetados para banhos públicos, relaxamento e atividades sociais, eram muito comuns entre os romanos, que começaram a conquistar territórios na Península Ibérica no século 2 a.C. As grandes “termas” (que vem do latim *thermae*) do Império Romano seguiam . Geralmente, os estabelecimentos compreendiam um grande jardim aberto cercado pelos quartos de banho, banheiros menores e pátios.

Além disso, os pisos dos banhos públicos eram geralmente de mármore ou mosaico. As paredes eram revestidas de mármore até certa altura, decoradas na parte de cima com relevos de estuque e mármore.

Os banhos romanos variavam em tamanho, e os estabelecimentos poderiam ser ou casas particulares ou grandes termas públicas. Todos eles contavam com um sistema de fornecimento de água quente, morna e fria, além da circulação de ar aquecido através de paredes ocas – estruturas verificadas nas escavações recentes.

Além do complexo de banhos, a escavação revelou também fragmentos de cerâmica medievais, que provavelmente datam do século 12 ou 13.

Mas as descobertas em Andaluzia não pararam por aí. Em outra escavação da Universidade de Cádiz, no Cabo de Trafalgar, arqueólogos encontraram uma tumba de 4 mil anos bastante preservada. Ela abrigava restos mortais de pelo menos sete cadáveres, incluindo o esqueleto completo de uma mulher adulta.

Foram encontradas também cerca de sete “piscinas de salga” romanas, com profundidade de até 2 metros. Essas piscinas eram usadas para preparar e preservar alimentos, incluindo “garum”, um molho fermentado feito de tripas de peixe, ervas e sal.

Fonte: site super interessante



## A arqueologia da agricultura em discussão As jornadas internacionais 'Amanhar a Terra.



Arqueologia da Agricultura (do Neolítico à Idade Média)' realizam-se a partir da próxima quinta-feira, até sábado, no Cineteatro S. João, em Palmela, no distrito de Setúbal.

Em declarações à agência Lusa, a arqueóloga Isabel Cristina Fernandes, da organização, salientou a importância do tema, numa altura em que "refletimos sobre o que fazer se queremos manter alguma sustentabilidade", e sabendo que "o sustento [da Humanidade] está, por inerência da sua condição, ligado à terra, à água e aos produtos que elas proporcionam, sejam alimentos ou matérias-primas que transforma, quer a partir da agricultura, quer da pecuária".

O encontro abre com uma comunicação do investigador Carlos Tejerizo García, da Universidade Euskal Herriko, do País Basco espanhol, intitulada "Por qué estudiar el campesinado Altomedieval en el Siglo XXI? Nuevas preguntas, nuevas propuestas".

Outra comunicação aborda o regadio, uma questão atual no debate ibérico sobre a preocupação com os consumos de água e a sua distribuição.

O investigador José Maria Martín Civantos, da Universidade de Granada, no sul de Espanha, vai falar sobre "Los sistemas históricos de regadío del Sureste peninsular: una opción social y una estrategia campesina de origen islámico".

Virgílio Lopes, do Campo Arqueológico de Mértola, no Baixo Alentejo, vai apresentar a comunicação 'Amanhar e regar a terra. A possível barragem romana do Convento de S. Francisco, em Mértola'.

À Lusa, Isabel Cristina Fernandes referiu os avanços científicos recentes e a interdisciplinaridade que permitem que "conheçamos melhor os hábitos do passado", nomeadamente através das análises às sementes, que dão informações de "coisas até aqui desconhecidas, como os consumos, a paisagem, a utilização de quais plantas, etc."

Um grupo de investigadores nacionais vai apresentar uma comunicação sobre o 'Consumo de plantas agrícolas e silvestres em Salreu (Estarreja) durante a Idade do Ferro'.

A plantação intensiva de oliveiras, atualmente em debate na região alentejana, aconteceu também no Império Romano, como demonstrará José Remesal Rodríguez, da Universidade de Barcelona, que falará sobre a 'Agricultura extensiva en el imperio romano: el caso del aceite bético'.

Outra comunicação, por um conjunto de investigadores portugueses intitula-se "Arqueobotânica com vista para o Douro: frutos e sementes do sítio do Rei Ramiro, em Vila Nova de Gaia".

"Neste encontro é esperado que os arqueólogos nos tragam muitas novidades de escavações que estão a decorrer, bem alguns 'estados da questão' sobre certas matérias", ou seja uma súmula dos conhecimentos sobre determinada questão, que permite avançar para novas questões científicas.

Isabel Cristina Fernandes referiu, a título de exemplo, a comunicação de um grupo de investigadores espanhóis sobre 'La cerveza pre-histórica en la Península Ibérica. Estado de la cuestión'.

Outra é de Carlos Fabião, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sobre "O vinho na Lusitânia: progresso da investigação nos últimos vinte anos".

A comunicação sobre uma escavação a decorrer na Andaluzia, em Espanha, vai "certamente trazer novidades", antecipou Isabel Cristina Fernandes. Trata-se da intervenção de Alfredo Mederos Martín, da Universidade Autónoma de Madrid, sobre as "Estrategias agropecuárias durante el Calcolítico en grandes poblados del Valle del Guadalquivir: Marroquíes Altos y Valencina de la Concepción", na região espanhola da Andaluzia.

No decorrer do encontro haverá um momento musical pela gaiteira Ana Pereira, que constrói gaitas de foles. Será na sexta-feira, às 18h30. Haverá também a apresentação de novos projetos, designadamente da coleção "Lisboa Romana: Felicitas Iulia Olisipo", uma edição da Câmara Municipal de Lisboa e da Caleidoscópio Edições, por António Marques e Cristina Nozes. Será no sábado às 18h15.

Será também apresentada, por João Luís Cardoso, a obra 'O sítio arqueológico da Gaspeia e a 'neolitização' do território de Alvalade - Sado', com coordenação de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, no sábado às 17h30.

Sobre Lisboa Romana, no âmbito deste projeto de investigação, Lídia Fernandes e Simon Davis irão falar sobre 'Alguns animais nas hortas da cidade: a fauna junto ao teatro de Felicitas Iulia Olisipo (Lisboa)'.

O período islâmico em Lisboa é tema de uma outra comunicação, 'Vestígios carpológicos recuperados em dois silos islâmicos. Largo dos Loios', por um grupo de investigadores.

Luísa Batalha e Guilherme Cardoso, do Centro de Arqueologia de Lisboa, apresentam "Da Idade do Ferro à Idade Média - Ferramentas Agrícolas da Região de Lisboa".

Sobre a região de Palmela, Cleia Detry, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, falará sobre 'As espécies domésticas medievais do Castelo de Palmela', Isabel Cristina Ferreira Fernandes, do Museu Municipal de Palmela, apresentará a comunicação 'O Alto da Queimada, Palmela: espaço de vida campesina na Pré-Arrábida do período islâmico (Séc. IX-XI)'.

O período islâmico em Mafra, a norte do Tejo, será abordado pelos investigadores Marta Miranda, Carlos Costa e Ricardo Russo.

Do vasto painel de comunicações a apresentar constam ainda, entre outras, 'A exploração agrícola da zona noroeste do território de Coimbra entre os séculos X e XII', por Gil Vilarinho, da Universidade de Edimburgo, 'A exploração agropastoril da margem esquerda do Guadiana na transição do século V ao IV antes de Cristo', por Rui Monge, do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 'Ecos agrícolas em monumentos epigráficos romanos', por José d'Encarnação, da Universidade de Coimbra, e 'Evidências de produção agrícola em Cascais na Baixa Idade Média: alguns apontamentos', pelos arqueólogos Tiago Pereira e Vanessa Filipe.

Fonte: agência Lusa

## Aristides Sousa Mendes vai ter nome em espaço público na cidade de Paris



A proposta foi feita por Hermano Sanches Ruivo, luso-descendente e vereador da Câmara de Paris. Pode ser uma rua, um jardim ou uma praça, mas até ao primeiro semestre de 2022, Aristides de Sousa Mendes vai ter um espaço com o seu nome na capital francesa, assim como uma placa comemorativa de homenagem ao cônsul português.

“Fiz a proposta porque Aristides de Sousa Mendes foi cônsul em Bordéus e as homenagens já são várias em França e em Portugal, mas Paris ainda não tinha feito, embora todos saibamos que entre as pessoas que ele salvou havia famílias parisienses”, afirmou Hermano Sanches Ruivo, luso-descendente e vereador da Câmara de Paris, em declarações à agência Lusa.

Para dar nome a um espaço público, a proposta tem de passar pela Comissão de Denominação de Paris, algo que aconteceu no final do dia 9 de Junho e foi aprovada, começando agora o processo de selecção do local.

Hermano Sanches Ruivo quer que o espaço, dada a missão de Aristides de Sousa Mendes em França, tenha alguma ligação com o Consulado Geral de Portugal em Paris, privilegiando assim uma localização entre o 8.º e 17.º bairros da capital francesa.

Esta homenagem será concretizada até ao início da Temporada Cruzada entre Portugal e a França, que vai arrancar em Fevereiro de 2022 e vai trazer intercâmbios culturais e não só entre os dois países.

Um ponto a trabalhar entre as duas nações, segundo Sanches Ruivo, é a questão da memória e, nesse sentido, outras homenagens fariam sentido a Aristides de Sousa Mendes e outros portugueses que se envolveram em formas de resistência em França durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, Aristides de Sousa Mendes, então cônsul de Portugal em Bordéus, França, emitiu vistos que salvaram milhares de pessoas do Holocausto, desobedecendo às ordens do então presidente do conselho, António de Oliveira Salazar, que liderava o governo.

(Fonte: Público)

## O porquê do Brasil chamar-se Brasil

Este é o famoso Pau Brasil. A palavra “Brasil” significa “vermelho como brasa”. Antigamente, esta madeira chamava-se ibirapitanga em tupi-gurani, onde “ybirá” significa “árvore” e “pintangá” representa “vermelho”. Quando os portugueses descobriram o Brasil referiram-se à árvore como “bersil”, que significava “brasa” na época. Aos poucos, ela acabou por ser chamada de pau-brasil, mas também é conhecida como pau-vermelho, pau-de-pernambuco, arabutã, ibirapitã, muirapiranga, orabutã, pau-rosado e pau-de-tinta.

A coloração vermelha, é própria da espécie, por isso o nome de Brasil, pois refere-se a cor de brasa.

A resina da árvore possui uma intensa cor avermelhada. É provavelmente por este motivo que a árvore recebeu o nome de pau-brasil, pela origem na palavra brasa (bersil), que remete aos tons terrosos e avermelhados de sua casca e de sua resina.



## Libertação de prisioneiros judeus a caminho de um campo de concentração

Às vezes uma foto atinge o nível de arte e atinge todos os nossos sentimentos. Em Abril de 1945, a foto do Major Benjamin Clarence mostra um comboio cheio de prisioneiros judeus que foi interceptado pelas forças aliadas. As pessoas na foto tinham acabado de saber que não iriam para o campo de concentração.



## A casa dos Freitas do Amaral em Guimarães que foi incendiada devido à política

Nos dias que correm ainda existe uma casa na praça do Toural em Guimarães que tem na sua fachada as armas e o brasão da família Freitas do Amaral. Esta casa é conhecida pelo povo em geral por "Casa do Guardal".

No entanto o que a maioria das pessoas não sabe é que a edificação desta nova "Casa do Guardal" é fruto de um orgulho familiar devido a ter havido uma outra casa que dava pelo mesmo nome de "Casa do Guardal" mas todavia situada nas imediações do Largo do Trovador (Zona de Couros) e que foi incendiada muito provavelmente por motivos de ordem política.

Esta antiga "Casa do Guardal" mais rudimentar do que a atual "Casa do Guardal" no Toural, era propriedade dos Freitas do Amaral durante a guerra civil entre Miguelistas e Liberais.

De acordo com alguns livros históricos comemorativos da cidade de Guimarães, a família Freitas do Amaral, conhecida pelos vimaranenses da altura por usar os forros dos casacos vermelhos, sinal secreto de reconhecimento entre os fiéis a D.Miguel, em oposição à cor azul dos liberais, liderou a defesa de Guimarães das incursões das tropas liberais com reconhecido sucesso pois Guimarães foi das únicas cidades do país onde as tropas de D. Pedro IV não entraram, nem vingaram nas suas intenções.

Após a morte deste antepassado da família Freitas do Amaral, ultra miguelista, e que liderou a defesa de Guimarães, a original "Casa do Guardal" ardeu.

Apesar de não haver certezas absolutas acerca dos motivos reais do incêndio, tudo leva a crer que a causa do fogo posto terá sido de motivação política. Contudo, passados alguns anos a família Freitas do Amaral adopta a "Casa do Guardal" em local diferente e desta vez na praça principal de Guimarães, o Toural.

Actualmente a "Casa do Guardal" é propriedade da família Xavier, estando a família Freitas do Amaral sediada no Centro histórico de Guimarães (Largo João Franco).



!

## Património de navegação dos descobrimentos classificado de "tesouro nacional"

S

O Governo classificou três astrolábios, seis pirogas monóxilas e os 10 canhões como Conjunto de Interesse Nacional (CIN), sendo-lhes atribuída a designação de "tesouro nacional", segundo decreto publicado esta segunda-feira em Diário da República (DR).

No decreto publicado em DR, a presidência do Conselho de Ministros refere que os três astrolábios são provenientes de uma recolha arqueológica subaquática realizada em São Julião da Barra, em Oeiras (Lisboa), as seis pirogas monóxilas foram recolhidas numa intervenção arqueológica subaquática realizada no rio Lima, em Viana do Castelo, e os 10 canhões na Ponta do Altar, na embocadura do rio Arade, em Portimão (Faro).



A

S. Crispim...A Irmandade mais antiga de Guimarães. Há 700 anos a servir e a auxiliar os necessitados

Na travessa de S.Crispim, junto à rua da Rainha no Centro Histórico de Guimarães fica o albergue da Irmandade de S.Crispim que foi criado em 1315 pelos mestres sapateiros João Baião e Pedro Baião que doaram todos os seus bens à Irmandade de S.Crispim."... Esta Irmandade dá pousada e lenha por 3 dias aos pobres passageiros, e uma ceia de bacalhau cozido com batatas, pão e vinho a qualquer número de pobres, que ali se apresentem na mesma véspera de Natal.."(1)



## Crânio descoberto na China de "Homem Dragão" revoluciona teoria da evolução Humana

Cientistas anunciaram esta sexta-feira que um crânio descoberto no nordeste da China representa uma nova espécie humana que batizaram de *Homo longi*, ou "Homem Dragão" - e dizem que a nova linhagem deve substituir os Neandertais como os nossos parentes mais próximos.

O crânio de Harbin foi descoberto na década de 1930 na cidade com o mesmo nome na província de Heilongjiang, mas terá sido alegadamente escondido num poço durante 85 anos para o proteger do exército japonês.

Foi mais tarde desenterrado e entregue, em 2018, ao professor Ji Qiang, da Universidade Hebei GEO.

"Segundo as nossas análises, o grupo Harbin está mais próximo do *Homo sapiens* do que os Neandertais, isto é, os Harbin partilhavam um antepassado comum mais recente conosco do que os Neandertais", disse à AFP um dos autores dos estudos agora publicados na revista *The Innovation*, Chris Stringer, do Museu de História Natural de Londres.

"Se estas são vistas como espécies diferentes, então esta é a nossa espécie irmã", acrescentou, referindo-se à que está mais próxima de nós.

O crânio data de há pelo menos 146 mil anos, do Pleistoceno Médio. Pode albergar um cérebro semelhante em tamanho ao dos humanos modernos, mas tem órbitas oculares muito maiores, sobrancelhas grossas, uma boca larga e dentes enormes.

"Apesar de mostrar características típicas dos humanos arcaicos, o crânio de Harbin apresenta um mosaico de combinações de características primitivas e derivadas que o colocam aparte de tudo o que antes foi denominado na espécie *Homo*", indicou Ji, outro coautor do estudo.

O nome *Homo longi* é derivado de Long Jiang, que significa literalmente "Rio Dragão".

A equipa acredita que o crânio era de um homem, que teria cerca de 50 anos, que vivia numa planície de inundação florestal.

"Esta população seria de caçadores-recoletores, que viviam da terra", disse Stringer. "A partir das temperaturas de inverno atualmente em Harbin, parece que eles estavam a enfrentar temperaturas ainda mais frias que os Neandertais", acrescentou.

A visão de um artista do *Homo longi* no seu habitat. © DR Dada o local onde o crânio foi encontrado, e o facto de parecer ser de um homem de grande porte, a equipa acredita que o *H. longi* estaria bem adaptado às condições e poderia ter sido capaz de se dispersar pela Ásia.

Árvore genealógica

Os cientistas estudaram primeiro a morfologia externa do crânio, recorrendo a mais de 600 características, e depois efetuaram milhões de simulações por computador para construir árvores genealógicas de parentesco com outros fósseis.

"Isto sugere que o Harbin e alguns dos outros fósseis na China formam uma terceira linhagem de humanos junto com os Neandertais e o *Homo sapiens*", explicou Stringer.

Se o *Homo sapiens* tivesse chegado ao Leste da Ásia na altura em que o *Homo Longi* estava presente, podem ter havido cruzamentos, mas isso não é claro.

Há também muitas questões por responder sobre a sua cultura e nível tecnológico, por causa da falta de material arqueológico. Mas a descoberta ainda pode alterar a compreensão da evolução humana.

"Estabelece uma terceira linhagem no Leste da Ásia com a sua própria história evolucionária e mostra o quão importante é a região para a evolução humana", disse Stringer.

Fonte: DN



## 3 cidades misteriosas no fundo do mar e que estão a ser estudadas

Algumas das descobertas e mistérios arqueológicos mais emocionantes são os que envolvem as antigas ruínas de reinos perdidos submersos pelas águas. Há algo no mundo subaquático que capta a nossa imaginação – talvez seja a curiosidade sobre o que pode estar debaixo da superfície, ou a ideia de que cidades inteiras podem estar escondidas no fundo do oceano, fora de vista e fora do alcance.

### Heracleion, a Atlântida do Egipto

Heracleion era atravessada por uma rede de canais, uma espécie de Veneza egípcia antiga, e suas ilhas eram o lar de pequenos santuários e casas. Ela era uma cidade portuária no Egipto faraónico e era de extrema importância para o reino. Era no templo desta cidade, por exemplo, que os novos faraós recebiam o poder divino de Amun que eventualmente legitimava os seus reinados sobre a Terra. Mas, apesar das riquezas e da importância, a cidade não foi párea quando a natureza decidiu agir.

Algum evento cataclísmico que se tem poucos detalhes fez com que a cidade afundasse nas águas do Mar Mediterrâneo no século II AC, durante o período helenístico. Mas acredita-se que a elevação gradual do nível do mar, combinada com o súbito colapso do sedimento instável em que a cidade foi fundada, causou a queda da área.

Arqueólogos acreditam que será preciso de, no mínimo, cerca de 200 anos para que a cidade e seus mistérios sejam completamente compreendidos, indicando que estão somente no início da pesquisa. Por estar submersa, inclusive, torna as atividades de exploração um pouco mais complexa.

### A cidade Hedonística submersa dos Césares

A cidade afundada dos Césares, Baiae, esteve perdida durante mais de 17 séculos sob as águas azuis da costa oeste da Itália. Só foi redescoberta nos últimos anos.

Baiae foi a Las Vegas da Roma do Primeiro Século, quando a cidade se tornou sinónimo de festas de luxo e selvagens que incluíam muito vinho e hedonismo da mais alta ordem possível. No seu apogeu, Baiae foi regularmente visitada por famosos Césares Romanos, incluindo Júlio César, Nero e Adriano. Isto pode explicar porque Baiae é chamado de “A Cidade Afundada dos Césares”.

Foi considerada uma das mais importantes cidades romanas durante séculos. Plínio costumava viver ali e, dali, pelo golfo, ele testemunhou e descreveu a erupção do Monte Vesúvio, que destruiu Pompéia e Herculano.

Inevitavelmente, grande parte da cidade foi perdida para o mar, já que a atividade vulcânica também fez com que a linha costeira recuasse 400 metros para o interior, forçando-a a mergulhar no que hoje é o Golfo de Nápoles.

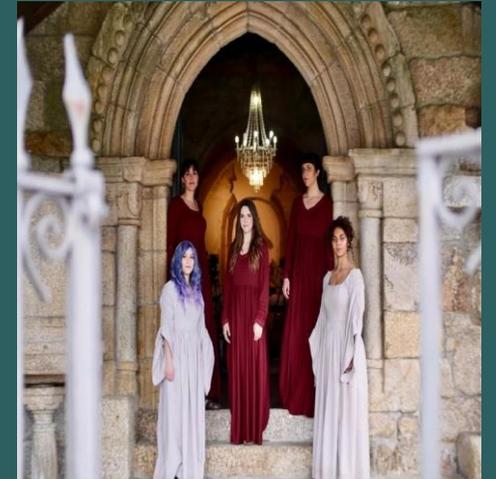
### A cidade submersa de 5.000 anos de idade no sul da Grécia

Pavlopetri é uma pequena vila na região do Peloponeso, no sul da Grécia, onde uma antiga cidade de 5.000 anos reside a cerca de quatro metros debaixo d'água. Acredita-se ser a mais antiga cidade submersa conhecida do mundo.

A cidade é incrivelmente bem projetada com uma praça central, estradas, casas de dois andares com jardins, templos, um cemitério e um complexo sistema de gestão de água, incluindo canais e canos de água. O design ultrapassa muitas cidades modernas.

A cidade é tão antiga que existiu no período em que o famoso poema épico grego antigo “Ilíada” foi introduzido. Pesquisas em 2009 revelaram que ela tinha sido habitada antes de 2800 AC. Os cientistas estimam que a cidade afundou por volta de 1000 AC devido a terremotos que modificaram a sua localização.

Historiadores acreditam que a cidade antiga era um centro minóico e micêneo para o comércio. Espalhados por todo o lugar, há grandes recipientes de armazenamento feitos de argila, estátuas, ferramentas de uso diário e outros artefactos. O nome da cidade ainda é desconhecido.



### Concerto em Penafiel - Rota do românico

A Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios, em Eja, Penafiel, é o cenário do próximo concerto Monumentum, pelas Origo, na Rota do Românico, na próxima sexta-feira, 18 de junho, pelas 21h30.

A reserva (gratuita, mas obrigatória) dos lugares deverá ser efetuada através do telefone 910 969 730.

### A cidade submersa de 5.000 anos de idade no sul da Grécia



## Novos desenhos de Van Gogh descobertos dentro de livro

Sempre buscando novas peças de Vincent van Gogh espalhadas pelo mundo, o Museu Van Gogh, em Amsterdã, comprou em 2019 um livro com esboços do artista nunca antes visto pelo grande público. Os desenhos em questão foram realizados em uma fina tira vertical de papel, dentro de um romance sobre o campesinato francês. Esse trabalho, que é considerado por especialistas como uma rara e grande descoberta, está exposto pela primeira vez no museu dentro da exposição Here to Stay, que fica aberta até setembro deste ano.

Segundo o The Art Newspaper, Vincent van Gogh, que é notoriamente conhecido por ser leitor ávido, deu a cópia desse livro, *Histoire d'un Paysan*, que conta a história da revolução francesa através dos olhos de um camponês, para Anthon van Rappard, amigo íntimo e também artista holandês. Datado em 15 de junho de 1883, ele disse em nota que ele, Anthon van Rappard, acharia o romance lindo. O artista morreu em 1892 aos 33 anos e a obra ficou com sua esposa, Henriëtte, até 1910, quando também veio a falecer. Depois disso, até 2019, o livro permaneceu guardado em família até ser vendido para o museu.

Esses desenhos a lápis são tão importantes porque foram realizados no início da carreira de Van Gogh, sendo um dos poucos esboços informais que se tem conhecimento (e que sobreviveram ao tempo). Estilisticamente, eles podem ser datados do outono de 1881, quando ele morava na vila de Etten de seus pais e estava interessado em capturar figuras dos camponeses locais trabalhando. Foi apenas dois anos após o envio do presente que ele teria começado a mostrar publicamente como sua arte estava se desenvolvendo.

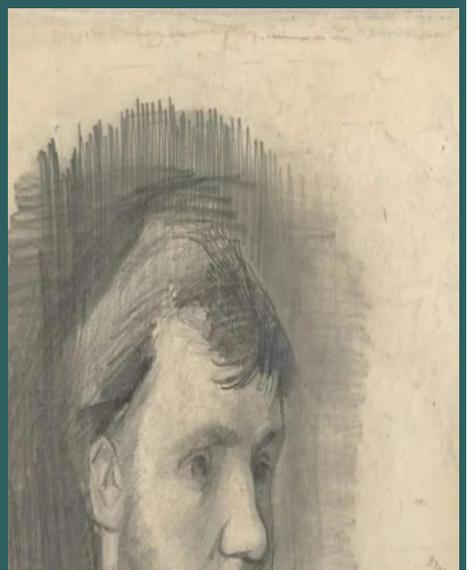
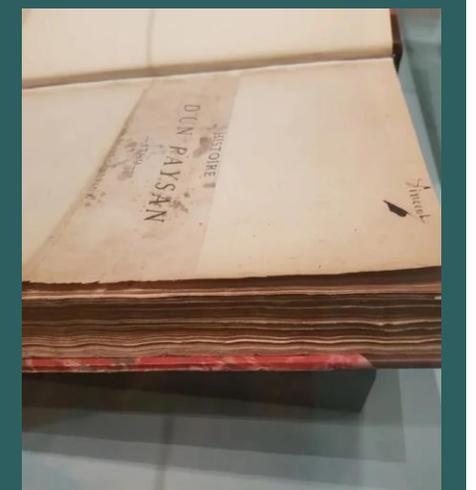
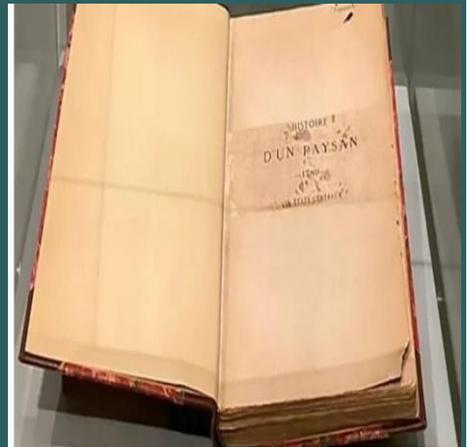
No marcador de página com 28 cm de altura, o esboço superior mostra uma mulher caminhando ao lado de uma árvore com abelhas. O do meio retrata um homem sentado ao lado de uma lareira, uma obra que lembra um desenho acabado que Van Gogh fez em novembro de 1881, *Old Man at the Fireside* (agora no Kröller-Müller Museum, em Otterlo, Holanda). O esboço inferior mostra uma mulher de perfil. Van Gogh pode muito bem ter visto as figuras como uma ilustração vagamente do romance *Erckmann-Chatriano*.

Na capa da publicação, podemos ver que está assinado "Vincent". Foi também possível descobrir que ele teria enviado o livro "apenas para ler", não deixando claro se a assinatura indica que foi um presente ou um lembrete educado de que era um empréstimo e deveria ser devolvido. Em outubro, pouco mais de um ano após o envio, Van Rappard visitou Vincent em Nuenen, mas sem devolver o livro. Durante a visita, Van Gogh esboçou um retrato de seu amigo, o maior retrato desenhado em toda a sua obra. Apenas a metade superior da obra sobreviveu (imagem acima).

A amizade entre os dois terminou abruptamente em maio de 1885, quando Van Rappard escreveu criticamente sobre a única litografia de Vincent, que retratava sua pintura de *Os Comedores de Batata*. Vincent, furioso, desmembrou o retrato, cortando-o cuidadosamente ao meio. A metade inferior foi perdida, mas ele logo reutilizou o reverso da metade superior para fazer esboços toscos de um par de mulheres e um homem carregando um feixe de madeira.

Fonte: revista Casa e Jardim

Imagens descobertas de Van Gogh





 **grupo isidoro**  
DESDE 1973

REINVENTAMOS O PRESENTE, CONSTRUIMOS O FUTURO



**globalsoft-cbsc**  
Cloud Business and Software Consulting



TAKE AWAY  
GRUPO VILA MARITA





## DESDE GUIMARÃES COM MÚLTIPLOS SETORES, PRESENTES EM VÁRIOS PAÍSES



Construção e conservação de obras rodoviárias e aeroportuárias



Obras marítimas, proteção costeira e marinas



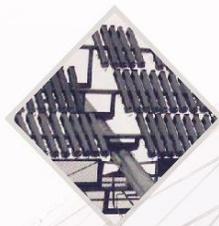
Sinalização e segurança rodoviária



Requalificações urbanas e infraestruturas integradas



Habitação e Construção Civil



Infraestruturas elétricas e soluções de energia



Infraestruturas hidráulicas, águas e saneamento



Centros logísticos e empresariais



Complexos desportivos e soluções urbanas



Agropecuária e agricultura



Ambiente - Resíduos

Rua João Oliveira Salgado, nº 385,  
4810-015 Costa - Guimarães  
[www.mca-group.com](http://www.mca-group.com)

**O Grupo Correio de Guimarães passou a comercializar a revista Diplomática e a Eles e Elas. Faça já a sua encomenda!**

[www.facebook.com/correiodeguimararaes.com](http://www.facebook.com/correiodeguimararaes.com)

**Participe no nosso jornal:**

Escreva-nos uma sugestão, um texto e/ou uma opinião e envie-nos para o endereço:

[correiodeguimaraes@gmail.com](mailto:correiodeguimaraes@gmail.com)

Proprietário Paulo Freitas do Amaral  
Dep. Legal 454380/19  
Diretor Paulo Freitas do Amaral  
Impressão: Avegráfica



**ELES & ELAS**

